

# Restolho

## *Mediania da Acidentalidade*

Deixem-me contar uma história. A do jovem bonito que não precisava de fazer nada para ter miúdas. Sim, porque o assunto é todo esse, volte e meia e vai tudo dar a isso. Daí a obsessão psicanalítica com o intercurso, mas nada de patológico. Mas também, na minha brejeirice, acabo por perder a noção do que se pode ou não fazer, do que acontece ou não, do que se presta aos ouvidos. Daí que o filósofo nada sabe, como dissera Sócrates. Não José Sócrates, mas o obeso e suicida Sócrates. Mas, pensando melhor, teria sido “apenas” isso? Não estaria, como Jesus Cristo, em causa algo maior que isso, algo melhor do que o sujeito que na verdade era agente de muita coisa que se passou no plano histórico-geográfico bem depois disso?

Quando te comesças a perder a vista o que está de perder de vista, percebes que não é um tubarão, decerto é mais um mocho ou uma coruja ou, mais certamente ainda, um colibri. O que é certo, pois já te chamaram de “abelha” e, na paragem do 28, outra coisa que não te lembras bem, mas que tem que ver com Jogos Olímpicos...

Por isso, só querias que o dia se levantasse, o sol, ora bem e tu montado nele, como uma cavalo alada, em Parnassos, no Coliseu, falando grego para que a terra tremesse. E lembravas-te do Porfício, o velhote que encontravas a ler o jornal, na tua rua, todos os dias, ouvindo o relato por meio de um pequeno rádio de bolso...

O teu espírito era uma coisa, o teu corpo outra, eis a verdade, porque ela é hegemónica e por vezes ditatorial, ou seja, ter razão dá imenso trabalho, ou seja, o temporal, a concreção, o contingente e a empiria,

tem que ver com a funcionalidade do objecto de estado, pois percebo que, quando levas as coisa a sério, outros riem-se, pólipos, elas e outros, quando Saramago raramente ria...preferia sorrir...

Eis-nos, portanto, no reino do solipsismo, dos palimpsestos, dos pólipos em forma de nincompopos, como vi num dos álbuns de Mike Oldfield, talvez o *Amarok*... Estava prestes a ser apanhado, por isso encolhi, recolhi, o desejo, o que quer que isso fosse em termos mais ou menos filosóficos. Esperava pela voz da tradição para legitimar qualquer coisa que estava longe de ser minha, qualquer coisa que podia depender de uma razão submissa (Vicente Romano, *A Formação da Mentalidade Submissa*) ante a justiça desordenada da turba. Mudar de opinião, pode-se mudar, pois a estrutura é mais confortável do que o riso e nem todos têm essa sede de risco como os gatos... Portanto, cada um vai falando consigo mesmo, mesmo quando acompanhado, pois a massa acaba por se colar mais em certas afirmações e desígnios, contando com o riso de quem não te leva a sério, num país que não pensa, que celebra imediatamente cada vitória como se fosse a última, numa sociedade bipolar. Então eu, pergunto-me, não posso também ser bipolar?!...

*Victor Mota*

.